

# Sim, os números (também) (podem) mentem (mentir)

A propósito da qualidade da informação quantitativa que muitas vezes não é comunicada, acho interessante/instrutivo e pedagógico lerem o texto que se segue. Desde já torno claro que não há neste exercício qualquer leitura/interpretação para além da avaliação da qualidade da informação numérica que muitas vezes é divulgada nos diversos meios multimédia, incluindo a meios de comunicação tradicionais. Esta análise vai muito para além da “historia do meio frango”.

JF 2021

## PS publicou gráfico com escala ampliada para extrapolar sucesso da vacinação à Covid-19 em Portugal?

### A Irlanda é um paraíso fiscal (sim, os números mentem)

Os números são fundamentais, mas não vivem sozinhos. Isolados, podem enganar. Mesmo quando são verdadeiros. São usados como arma de persuasão para o bem (informar) e para o mal (desinformar).



[Bárbara Reis](#) 23 de Janeiro de 2021, 6:00

Há dias recebi um “autocolante” por WhatsApp sobre o sucesso da Irlanda. Como os posters que se colam nas paredes, os mini-posters digitais têm cores fortes e mensagens simples. Os mais eficazes têm números e chegam com pele de cordeiro e um tom neutro e factual, como quem diz as horas.

A tendência é acreditarmos numa informação com números e por isso muitos terão acreditado no “autocolante” sobre a Irlanda. “Estamos habituados a mentiras com palavras. Mas com números?”, escreve [o matemático Steven Strogatz na recensão](#) a *Proofiness – The Dark Arts of Mathematical Deception*, de [Charles Seife](#). “Deviam ser frios, sólidos e objectivos. Os números não mentem e não admitem discussão. São o melhor tipo de factos.” A seguir, o matemático acrescenta: “É exactamente por isso que os números podem ser tão poderosamente, tão persuasivamente enganadores.”

Os números são fundamentais para compreender o mundo, mas não vivem sozinhos. Isolados, podem enganar. Mesmo quando são verdadeiros. Em 2003, George W. Bush disse que ia baixar os impostos e que os americanos iam [poupar, “em média”, 1586 dólares por ano](#). O cálculo matemático estava certo. Mas é errado usar médias quando os valores máximos e mínimos estão em extremos muito distantes. Ao falar da média, Bush escondeu o impacto real da sua reforma, que na altura [se resumia assim](#):

- 23,7% das famílias pouparia 8 dólares
- 16,6% pouparia 307 dólares
- 13,3% pouparia 638 dólares
- 9,7% pouparia 825 dólares
- 7,6% pouparia 1012 dólares
- 13% pouparia 1403 dólares

(já vamos em 83,9% dos agregados familiares americanos e ainda não chegámos aos 1586 dólares)

- 6,8% pouparia 2543 dólares
- 6,6% pouparia 3710 dólares

- 1,6% pouparia 7173 dólares
- 0,3% pouparia 22.485 dólares
- 0,1% pouparia 112.925 dólares

(a soma dá 99,3%; a fonte é a [FactCheck.org](http://FactCheck.org) e os dados são do Tax Policy Center).

Conclusão? Só 15,4% das famílias americanas pouparia 1586 dólares e as famílias com rendimentos acima de um milhão poupariam mais de 100 mil. Hoje é sabido que quase 85% dos americanos mal notou o corte de impostos de Bush e que os milionários — não os ricos, mas os milionários — gostaram bastante da nova política. Mas o número de Bush era verdadeiro.

Ouvimos todos os dias que os números não mentem, mas sem contexto e sem bastidores, criam uma ilusão de verdade. E mentem. Mesmo os números reais. E nós caímos que nem patinhos.

Fiquei curiosa com o tal “autocolante” digital sobre a economia irlandesa, que tentava mostrar o sucesso da Irlanda, por oposição a Portugal. É bom criticar, pôr em causa, exigir mais. Outra coisa é brincar com o fogo. Desinformar é brincar com o fogo. A Irlanda é um paraíso fiscal e os números do mini-poster digital que circula por aí são tão enganadores que até dói.

O mini-poster diz que na Irlanda o imposto sobre os lucros das empresas é 12,5% e em Portugal é 31,5%. Todos sabemos que o IRC em Portugal é 21%. De onde vem o 31,5%? Quando se soma a taxa geral às derramas municipais e à taxa extra que só se aplica às empresas com um lucro superior a 1,5 milhões de euros. Quantas empresas portuguesas têm este perfil?

O mini-poster diz também que a Irlanda está em 6.º no ranking de liberdade económica e Portugal no 72.º. No ranking sempre citado (da ultra-conservadora Heritage Foundation), [Portugal aparece em 2020 em 56.º lugar](#), melhor do que a Espanha (58.º), França (64.ª), Itália (74.º) e Grécia (100.º).

Outro número do mini-poster é sobre o IRS. Temos impostos altos, mas a solução é baixar o IRS? Se fosse tão simples, como explicar a força das economias francesa ([IRS vai aos 45%](#)), americana (37%), dinamarquesa (56%) ou a própria economia irlandesa, cujo escalão mais alto é 41%? Já agora: um salário de 1500 euros é tributado de formas diferentes nos dois países — cá, é salário médio, lá é salário baixo. É comparar alhos com bugalhos. E porquê comparar o salário médio (como faz o poster) e não o poder de compra? Vou adivinhar: porque a diferença de salários em termos de poder de compra seria grande, mas não tão chocante? Portugal quase duplica o salário em termos de poder de compra e isso baralhava a mensagem.

O número mais enganador — e uma grande lata — é sobre o crescimento económico. Entre 2016 e 2018, a Irlanda cresceu 20% e Portugal 6%. O autor esqueceu-se do asterisco: a [Irlanda é um paraíso fiscal](#). Lembra-se do “milagre” de 2015, quando o PIB irlandês triplicou? Em 2014, a economia tinha crescido 7,8% e em 2016 cresceu 26,3%. Foi quando as multinacionais se “mudaram” para a Irlanda — Intel, Boston Scientific, Dell, Pfizer, Google, Hewlett Packard, Facebook, Johnson — e fizeram uma ginástica fiscal chamada “inversão”. Lembra-se o que disse Barack Obama? Que a “inversão” era “uma brecha fiscal insidiosa”. Para nós também. Por causa da criatividade fiscal da Irlanda, milhares de milhões de lucros são desviados dos países europeus para lá, [Portugal incluído](#).

Caro leitor: quando vir autocolantes sobre o sucesso da Irlanda, releia o [“caso Apple”](#). Lembra-se dos 0,05%? Foi quando a Apple teve 16 mil milhões de euros de lucros, mas [só 50 milhões foram tributados](#). O sucesso irlandês está cheio de números esquisitos. Neste caso, o poster dizia “são 10h da manhã” e até parecia verdade. Mas eram seis da tarde.

[tp.ocilbup@sierb](mailto:tp.ocilbup@sierb)